



# A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA ESCOLA ESTADUAL DESEMBARGADOR LICURGO NUNES – MARCELINO VIEIRA/RN

José Elomark Paiva Rêgo<sup>1</sup>  
Ricardo Nunes Freire<sup>2</sup>  
Jeâne Silveira Santos da Silva<sup>3</sup>  
Maria do Socorro Holanda Diógenes<sup>4</sup>  
Maria Ameliane Figueredo de Oliveira<sup>5</sup>  
Maria de Fátima Moura Duarte<sup>6</sup>

## RESUMO

O estudo analisou o processo de ensino e aprendizagem de Geografia no contexto das mudanças dos marcos legais Escola Estadual Desembargador Licurgo Nunes - Marcelino Vieira/RN. Realizou-se um levantamento bibliográfico sobre a trajetória do desenvolvimento da Geografia e a sua inclusão no universo escolar, destacando a institucionalização da Geografia no Brasil e uma breve abordagem sobre as duas grandes correntes geográficas e um debate sobre a importância do ensino da Geografia para o exercício da cidadania. A discussão acerca das políticas educacionais na atualidade: o PCNEM (2002), a nova LDB (1996) e a Lei da Reforma do Ensino Médio (2017) possibilitaram tanto o professor refletir sobre a sua prática de ensino quanto analisar de que forma esses documentos compreende o ensino de Geografia e favoreceu a coleta de informações sobre as consequências que essa reforma no ensino pode trazer para os estudantes e para o próprio conhecimento geográfico. Foram discutidas a importância da práxis inovadora no ensino de Geografia e a formação docente como fatores imprescindíveis para o processo de ensino e aprendizagem. Teve como suporte teórico as reflexões dos principais autores: Andrade, Moraes, Lacoste, Santos e outros. O objetivo foi verificar os problemas enfrentados na instituição investigada, no tocante ao ensino de Geografia. A efetivação foi adotada a metodologia com abordagem qualitativa e a pesquisa de campo. Deste modo, possibilitou a constatação de vários problemas na instituição pesquisada, entre eles, a desmotivação de aprendizagem dos estudantes, sobretudo, no turno vespertino, a carência de recurso tecnológico e material impresso escolar. Por outro lado, é averiguado que existem projetos educativos na instituição, os alunos afirmaram gostar da disciplina de Geografia e destacaram a escola como fator importante e decisivo para o seu futuro e já os professores, mesmo carentes de práticas de ensino inovadoras, buscam meios de motivar os seus alunos.

**Palavras-chave:** Geografia, Ensino e Aprendizagem, Reforma do Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação, pela World University Ecumenical - WUE; Licenciada em Geografia, pela Universidade do Estado do Rio grande do Norte - UERN, [elomarkpaiva@yahoo.com.br](mailto:elomarkpaiva@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Educação, pela World University Ecumenical - WUE, Bacharel em Fonoaudiologia, pela Universidade Potiguar - UNP, [rnunesf10@yahoo.com.br](mailto:rnunesf10@yahoo.com.br);

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Educação, pela Emil Brunner World University - EBWU, Licenciada em Letras com Habilitação em Espanhol, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, [jeaness@hotmail.com](mailto:jeaness@hotmail.com);

<sup>4</sup> Mestre em Ciências da Educação, pela Emil Brunner World University - EBWU, Licenciada em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, [socorrorgv@gmail.com](mailto:socorrorgv@gmail.com);

<sup>5</sup> Mestre em Ciências da Educação, pela World University Ecumenical - WUE; Licenciada em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Rio grande do Norte – UERN, [amelianediva@hotmail.com](mailto:amelianediva@hotmail.com);

<sup>6</sup> Mestre em Ciências da Educação, pela World University Ecumenical - WUE; Licenciada em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Rio grande do Norte – UERN, [mariafatimamoura01@gmail.com](mailto:mariafatimamoura01@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O conhecimento da Geografia contribui para a reflexão do espaço enquanto uma totalidade na qual se passam as relações cotidianas. É, portanto, um componente curricular do ensino básico que trata da realidade da sociedade a partir da análise espacial. Entretanto, sabe-se que existe a desmotivação dos alunos em aprender os conhecimentos em todas as áreas do conhecimento, sendo este o maior desafio da escola e o ensino da Geografia não foge a regra. Assim, o presente trabalho analisa o processo de ensino e aprendizagem de Geografia na Escola Estadual Desembargador Licurgo Nunes – Marcelino Vieira/RN, envolvendo as turmas do 1º ano, do Ensino Médio.

O processo de ensino de cada unidade escolar é singular, podendo se organizar em um modelo próprio de desenvolvimento do ensino e aprendizagem. O que importa, de fato, é que cada instituição de ensino assuma uma forma de organização curricular e planejamento de suas atividades sistematizadas que coaduna com a concepção de um ensino voltado para a construção social do conhecimento escolar.

No ensino de Geografia, há alguns princípios básicos para nortear o ensino e aprendizagem: antes de qualquer habilidade, o professor tem que ter domínio em sua área de conhecimento, mas também conhecer a história do conhecimento geográfico, os métodos de investigação e os objetos do estudo da área e as discussões das teorias pedagógicas que a envolvem, saber quem são os alunos, as suas motivações, as suas preferências, buscando entendê-los no contexto atual e procurar conhecer os conhecimentos que o aluno possui do seu espaço vivido, o seu cotidiano para ajudá-los em seu processo de desenvolvimento intelectual, cognitivo, afetivo e social.

Esta investigação tem como problema discutir as principais dificuldades do processo de ensino e aprendizagem de Geografia a partir da reforma do ensino médio, nas turmas do 1º ano na Escola Estadual Desembargador Licurgo Nunes – Marcelino Vieira/RN.

Tem-se como objeto de estudo o processo de ensino aprendizagem de Geografia no contexto das mudanças dos marcos legais. Nessa expectativa, o objetivo geral deste estudo foi analisar o processo de ensino e aprendizagem de Geografia, na Escola Estadual Desembargador Licurgo Nunes – Marcelino Vieira/RN, com os alunos do 1º Ano. A partir do objetivo geral, surgiram os objetivos específicos, que são: Investigar quais são os principais problemas enfrentados pelos professores de Geografia; verificar se as práticas pedagógicas estão condizentes com a realidade de vivência dos alunos,

investigar se há defasagem de aprendizagem nos conhecimentos geográficos e analisar a posição dos professores em relação à reforma do ensino médio, principalmente sobre o ensino de Geografia.

Esse estudo justifica-se pela necessidade de refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem da Geografia na escola contemporânea e os vários desafios enfrentados pelos professores de Geografia. Os principais motivos que levaram a escolha da Escola Estadual Desembargador Licurgo Nunes – Marcelino Vieira/RN com as turmas do 1º ano, se devem ao fato de tratar da única unidade escolar que atende o ensino médio na cidade e que recebe jovens que recentemente ingressaram nessa etapa de ensino, permitindo assim, averiguar se eles possuem os conhecimentos básicos da Geografia para a progressão de conhecimentos mais complexos para o entendimento da dinâmica do espaço em constante transformação.

Nesse sentido, utilizou-se uma abordagem qualitativa e explicativa, numa perspectiva dialética pela ocorrência dos procedimentos metodológicos de revisão do levantamento bibliográfico, coleta de dados por meio de questionários no universo pesquisado com questões fechadas, a maioria, e abertas, aplicados entre os dois professores de Geografia, o diretor, o coordenador e os alunos das turmas do 1º ano, o que possibilitou realizar uma sistematização e análise do tema apresentado, tendo em vista o processo de ensino aprendizagem de Geografia no contexto das mudanças dos marcos legais.

## **METODOLOGIA**

Utilizar uma abordagem qualitativa e explicativa, numa perspectiva dialética pela ocorrência dos procedimentos metodológicos de revisão do levantamento bibliográfico, coleta de dados por meio de questionários no universo pesquisado com questões fechadas, a maioria, e abertas, aplicados entre os dois professores de Geografia, o diretor, o coordenador e os alunos das turmas do 1º ano, o que possibilitou realizar uma sistematização e análise do tema apresentado, tendo em vista o processo de ensino aprendizagem de Geografia no contexto das mudanças dos marcos legais.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A escola é um espaço de saberes que foram produzidos e construídos ao longo da história da humanidade. Ela apresenta uma função fundamental na sociedade. Entretanto, este espaço, no contexto contemporâneo, enfrenta vários desafios, sendo uma delas, a busca por práticas pedagógicas voltadas para os interesses dos alunos que são o centro de todo o processo de ensino. Por esta razão, é preciso refletir sobre as suas práticas pedagógicas, sobretudo, no que tange as motivações do estudante.

Nesse contexto, Cavalcanti (2015, p. 111) sugere que é essencial “[...] conhecer quem são os alunos, quais são as suas motivações, qual a sua história de vida e contexto de vida, sua identidade individual e coletiva [...]”. Isso significa, portanto, entender que o trabalho docente é uma prática social e a aprendizagem do aluno é o foco principal no espaço escolar.

Na área de Geografia, há vários debates em torno da problemática do ensinar e aprender. Ainda de acordo com a geógrafa Lana Cavalcanti (2015) é preciso que o professor incentive as discussões entre os alunos sobre as diferentes experiências de vida e de lugares que vivenciam. Assim, o professor passa a conhecer os seus alunos, através de suas linguagens, origem geográfica, suas preferências culturais, religião, entre outros fatores. Este diagnóstico é importante porque possibilita ao professor intervir no processo de ensino e na reflexão sobre a contribuição dos conhecimentos geográficos na vida destes alunos, buscando atribuir significados a cada conteúdo trabalhado e considerando suas especificidades locais e regionais.

Nesse sentido, Libâneo (2001, p. 3-4) afirma que “a pedagogia é a reflexão sistemática sobre os objetivos e os modos de realizar as práticas educativas, implicando vários agentes, sob várias modalidades e em vários lugares sociais.” Em se tratando de Geografia, portanto, não basta ao professor ter domínio apenas dos conhecimentos geográficos, é necessário também ter um posicionamento sobre as práticas educativas e saber tomar decisões coerentes para o desenvolvimento do seu trabalho escolar.

Segundo Nóvoa, a formação docente deve estar estreitamente relacionada com a prática, ela é o processo mais importante no trabalho escolar

[...] Há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se transforma em prática, como aquilo tudo se organiza numa prática coerente. Por isso, tenho defendido, há muitos anos, a necessidade de uma formação centrada nas práticas e na análise dessas práticas. (NÓVOA, 2007, p. 14)

Converter as teorias em práticas inovadoras onde o aprender seja prazeroso e motivador é o maior desafio da educação no contexto atual. No caso do ensino de Geografia, Cavalcanti

(2014, p. 35) novamente levanta uma questão pertinente: “como trabalhar em sala de aula, intervindo nos interesses dos alunos, apresentando a eles temas de espacialização global ou mesmo local?” Essa questão é complexa, pois envolve diversos agentes no processo escolar, entretanto, o que se pode assegurar é que todas as ações neste espaço devem estar voltadas para os alunos e suas aprendizagens, buscando conhecê-los, investigando as suas espacialidades vividas, as suas preferências culturais e relacionando-as com a geografia escolar.

A tecnologia está presente na vida dos alunos, eles vivem na era digital. Esta realidade reflete na própria sala de aula quando eles utilizam o celular de maneira insaciável, muitas vezes durante as aulas, o professor nesse caso, convive com essa nova situação no espaço escolar. Assim, o uso das redes sociais pelos alunos é uma ferramenta que vem sendo utilizada por muitos educadores no processo de ensino e aprendizagem, pois esses profissionais entendem que ao invés de reprimir o uso do celular, é melhor encontrar um meio de usufruí-lo.

Dessa forma, percebe-se a necessidade de fazer uso da tecnologia como uma ferramenta importante na busca de informações, de dados atualizados, além da sociabilização, ampliando a capacidade de pesquisa e interação. De acordo com Pequeno:

As novas tecnologias surgem e evoluem cada vez mais no âmbito educacional, como forma de facilitar, agilizar e tornar o processo de ensino-aprendizagem mais interativo e consistente. Acompanhar e aproveitar as utilidades que os recursos tecnológicos nos oferecem é estar inserido na era da informatização onde tecnologia, comunicação e informação caminham juntas (PEQUENO, 2014, p. 14).

Nesse caso, no ensino de Geografia, o professor pode utilizar o Facebook e o próprio celular dos estudantes, uma vez que, passou a ser comum ver a necessidade dos jovens em conectar nas redes sociais, através do celular, durante as aulas. Além de esse recurso possibilitar o interesse do aluno pelas aulas, também permite o educando ter acesso a uma gama de conhecimentos disponíveis nas redes para serem debatidos em aulas.

Dessa forma, faz-se necessário reinventar novas formas de ensinar e aprender, pois, segundo Andrade (2005, p.1) “não é suficiente, para ser professor, saber os conteúdos; conhecer as teorias da aprendizagem; as técnicas de manejo de classe e de avaliação; saber de cor a cronologia dos acontecimentos educativos”. Nesse caso, é preciso romper com o velho paradigma, que para ensinar é preciso apenas o professor ter domínio dos conteúdos do seu campo de atuação, é muito mais que isso, ensinar é interagir com o conhecimento, onde o educador e o aluno constroem saberes, de uma forma dialogada e que requer uma constante reflexão do ato de ensinar e aprender.

Nessa mesma perspectiva Candau (2000, p. 15) afirma que a escola conforme concebida é “um espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressões e linguagens [...]”. Portanto, a escola deve criar novas possibilidades de ensino, buscando práticas pedagógicas inovadoras que condizem com as motivações dos alunos.

Nesse sentido, o estudo de campo proporciona também um potencial procedimento de ensino na aquisição de construção do conhecimento, pois tem a finalidade de articular a teoria e a prática. No ensino de Geografia, o estudo dos vários lugares, paisagens, dos espaços urbanos e rurais, dos problemas ambientais, tão discutidos e que geralmente chegam aos alunos através de uma imagem ou de uma gravura no livro didático, fazendo com que o aluno construa mentalmente os aspectos da espacialidade de maneira que não são visíveis ou percebidos.

Diante dessa possibilidade acredita-se que o aluno possa olhar de forma mais crítica para a realidade que o cerca, e principalmente, compreender que a paisagem visualizada é resultado de relações sociais, políticas e econômicas, a qual não se manifesta concretamente. Esse processo de descoberta diante de um determinado meio, que seja urbano ou rural, pode aguçar a reflexão do aluno para a produção de conhecimentos que não estão nos livros didáticos.

Sobre a importância do planejamento do trabalho de campo no ensino da Geografia, Marcos (2006, p. 6) explana o seu pensamento:

Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se “materializa” diante dos olhos estupefatos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa “excursão recreativa” sobre o território, e possa a ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento.

Dessa forma, o trabalho de campo não deve ser visto como um fim, mas, sim, como um meio de elucidar a teoria vista em sala de aula e elencar novas indagações. Para isso, cabe lembrar a importância do planejamento do trabalho de campo, destacando os objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas para evitar o “fazer pelo fazer”. Normalmente, é o professor que define o local do campo, o roteiro e as visitas. Embora o planejamento dessa atividade é de responsabilidade do professor, é interessante do ponto de vista da aprendizagem e da mediação, a participação dos alunos nesse processo de planejamento. A participação em todas as etapas: definição dos locais de visita; os objetivos; visita; caracterização. Segundo Souza, (2014, p. 132-133) “essa co-participação do aluno permitirá ao professor identificar

concepções e noções não apropriadas para entender o fenômeno.” Dessa forma, o planejamento das viagens de campo entre educadores e estudantes representa uma forma de ressignificar o processo de ensino e aprendizagem.

Para Demo (2005, p. 85), “[...] a melhor maneira de aprender não é escutar aula. Mas pesquisar e elaborar com mão própria, sob a orientação do professor”. Assim, o trabalho de campo como instrumento dinamizador das aulas de Geografia constitui-se parte dessa pesquisa científica. Os estudantes aprendem muito através dessa experimentação, além de proporcionar processos de mediação e interação.

A realização do trabalho de campo é uma prática usual nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia, bem como durante a formação universitária de estudantes das outras ciências humanas e naturais. Normalmente é assumida pelo professor de uma determinada disciplina como forma de observação e análise dos fenômenos estudados em sala de aula durante o semestre.

Embora, mais comum nas universidades, os trabalhos de campo podem e devem ser aplicados no ensino básico de Geografia, respeitando o nível de compreensão dos educandos. Tomita (1999, p. 13-15) faz uma recomendação ao professor sobre o procedimento do trabalho de campo:

Não se deve encarar essa atividade como um fim, mas como um meio que tenha o seu prosseguimento ao retornar à sala de aula. Se o objetivo é a melhoria do ensino em Geografia, só há um caminho a seguir pelo professor: não ficar ancorado apenas na acumulação de um saber geográfico do livro didático, sair dos exaustivos discursos, dos questionários sem fundamento, intensificar a comunicação com os alunos, ter a preocupação em atualizar e aperfeiçoar o conhecimento e ter satisfação em experimentar as novas técnicas.

O trabalho de campo constitui também várias possibilidades de trabalhar a interdisciplinaridade. O contato com o real oferecerá ao aluno novas formas de perceber os conteúdos tratados nas aulas o que, se bem planejado e guiado, servirá entre as tantas finalidades, estimular o estudo articulado com as diferentes áreas do conhecimento. Todavia, uma das características presente ainda nas escolas é a da grande fragmentação do conhecimento.

De acordo com Morin (2006), há desajuste cada vez mais profundo entre as diversas áreas do conhecimento, impedindo de conhecer os processos globais. Para ele, os problemas existentes não são parcelados, eles foram tecidos no contexto planetário.

O retalhamento das disciplinas torna-se impossível de apreender a complexidade da globalização. Corroborando da mesma opinião Pontuschka (2007, p. 145) destaca que “a interdisciplinaridade pode criar novos saberes e favorecer uma aproximação maior com a



realidade social mediante leituras diversificadas do espaço geográfico e de temas de grande interesse e necessidade para o Brasil e o mundo”.

Para Fazenda (2003, p. 43) “[...] a interdisciplinaridade configura-se como uma necessidade prática, isto é, uma exigência natural e interna das ciências, no sentido de uma melhor compreensão da realidade que elas nos fazem conhecer”. Assim, a interdisciplinaridade acontece no diálogo entre as ciências. Desse modo, a adoção de trabalhos de campo, numa perspectiva interdisciplinar, discutida no presente, configura-se como uma ação formativa que favorece a formação do professor-pesquisador.

Entretanto, sabe-se que na prática escolar, os conteúdos dos componentes curriculares são separados um dos outros, cada professor trabalha em sua área de atuação, separando os saberes. O próprio livro didático não possibilita a interdisciplinaridade. O trabalho de campo, portanto, oferece uma grande oportunidade de derrubar essa compartimentação de conhecimento, se planejado de maneira coletiva, ou seja, entre os docentes de diversas áreas, proporcionará uma abordagem em várias áreas de ensino. Busca-se na atualidade um conhecimento mais global e o trabalho de campo pode ser uma excelente ocasião para que de fato ocorra essa abordagem interdisciplinar.

A interdisciplinaridade é um tema que vem provocando grandes debates, envolvendo professores e pesquisadores. Na escola, os professores cada um no compartimento de sua ciência, apresentam dificuldades em planejar aulas que possibilitem um intercâmbio com as demais disciplinas. Em seu processo de formação, eles foram preparados para atender às concepções de ensino em suas respectivas áreas de ensino.

A interdisciplinaridade é hoje um princípio importante para os processos formativos em geral, e se impõe como respostas aos limites da formação fundamentada em saberes mecanicamente parcelados, que dificultam a compreensão e explicado da realidade em sua complexidade. Concluiu que esse princípio implica banir de nossas práticas de ensino o trabalho com conteúdos fragmentados e mecanicamente justapostos. Há muitas maneiras de trabalhar seguindo esse princípio, mas, de qualquer forma, pressupõe o diálogo entre os alunos e o professor, a consideração de que o objeto estudado é interdisciplinar, e possibilita uma integração efetiva entre disciplinas, possibilita o tratamento transversal de certos temas de ensino (CAVALCANTI, 2003, p. 5).

Evidencia-se que a interdisciplinaridade pressupõe uma atitude de abertura, não preconceituosa, onde todo o conhecimento é igualmente importante, onde o conhecimento individual anula-se frente ao saber universal. A atitude interdisciplinar rompe as incertezas, as inseguranças e da dúvida, conduzindo a um processo de libertação. Dessa forma, é na intersubjetividade desse processo, que ocorre a interação e o diálogo, entre o conhecimento e as áreas do conhecimento, entre o sujeito singular e coletivo que aprende.



Portanto, a Geografia ao relacionar com seus próprios ramos pode também correlacionar com outros saberes. Mas para que a interdisciplinaridade aconteça no espaço escolar, é necessário um planejamento com os professores das demais disciplinas e também é importante destacar que esse processo precisa de uma pesquisa permanente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa apresentada teve como objeto o processo de ensino e aprendizagem de Geografia no contexto das mudanças dos marcos legais no estabelecimento de ensino da Escola Estadual Desembargador Licurgo Nunes – Marcelino Vieira/RN .

A partir dessa perspectiva, investigou-se, primeiramente, através do referencial teórico-metodológico, a trajetória do desenvolvimento da ciência geográfica e o seu papel na instituição escolar. Assim, constatou-se que a Geografia como ciência e disciplina escolar se desenvolveu para servir de instrumentalização de poder para o Estado. Entretanto, esse contexto marca o início do desenvolvimento da Geografia, no século XIX, no qual se destacou a contribuição de diversos teóricos, entre eles, Ratzel e La Blache. As análises teóricas de Vidal de La Blache foram fundamentais, pois os seus estudos foram voltados para a construção da Geografia Humana, o que rompeu com o naturalismo como o único método na análise geográfica. O estudo sobre esse processo histórico da ciência geográfica foi fundamental para a pesquisa, pois a sua abordagem possibilitou o entendimento acerca das duas grandes correntes do pensamento geográfico e as suas influências na sala de aula: a Geografia Tradicional e a Geografia Crítica.

Ficou evidenciado que os conhecimentos geográficos no Brasil, século XIX, eram restritos apenas a uma pequena parcela da população quando ocorreu a institucionalização do ensino da Geografia no colégio Pedro II, em 1837, no Rio de Janeiro. Nesse contexto, adotava-se uma prática de ensino de Geografia sem nenhum fundamento científico. Porém, a partir da década de 1930 houve uma renovação considerável no ensino da Geografia, destacando-se as contribuições do professor Delgado de Carvalho.

Apesar da renovação do ensino nessa disciplina, a partir de 1970, a geografia escolar passou a integrar a disciplina de Estudos Sociais e permanece longe das propostas de Delgado de Carvalho. Assim, a década de 1980 marca o início do movimento de renovação de Geografia, cujos esforços foram voltados para as mudanças curriculares no intuito de melhoria da qualidade de ensino. Nesse movimento é defendida a Geografia

Crítica, pois se acredita que a Geografia Tradicional não se sustenta mais em razão da necessidade de pensar criticamente os conhecimentos geográficos a partir da vertente “crítica”. Portanto, esse movimento de renovação sugere uma Geografia não mais neutra e sim uma com pensamento crítico e com maior liberdade de reflexões para entender o mundo contemporâneo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nessa perspectiva que o presente estudo investigou a prática pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem de Geografia e a sua possibilidade de articular os conteúdos com a realidade de vivências dos alunos. Nesse sentido, buscou-se um referencial teórico-metodológico sobre o processo de construção do conhecimento a partir de práticas inovadoras no ensino de Geografia e as abordagens dos principais geógrafos que tratam sobre o ensino desse componente curricular.

Assim, por meio da análise dos dados referentes ao cenário e os sujeitos envolvidos nessa pesquisa permitiu concluir que os professores têm dificuldades de desenvolver atividades renovadoras em suas práticas de ensino, como o trabalho de campo, projetos e jogos. Em relação ao trabalho de campo, percebeu-se que a escola tem sido um local que explora pouco o saber extraescolar, distanciando o saber científico do cotidiano dos alunos. A realização de práticas que enfoquem o local e o lugar de vivência pode possibilitar que o aluno perceba a inter-relação entre aspectos físicos e humanos, tão comumente questionados no saber geográfico. A construção do saber geográfico, muitas vezes, é centrada no discurso oral do professor e em aulas expositivas. Sendo assim, é necessário que a escola permita novas possibilidades de ensino, buscando práticas pedagógicas inovadoras que condizem com as motivações dos alunos. Para isso, é essencial os professores terem um apoio para estruturar o seu planejamento diário de ensino, pois é notado que muitas vezes, os professores deparam com uma escola despreparada de recursos didáticos.

Por meio deste estudo de investigação foi possível concluir que os alunos apreciam os conhecimentos da Geografia. Essa afinidade decorre na maioria das vezes, da interação entre teoria e prática vivenciada no período escolar. Isso faz com que os conteúdos tornam-se significantes a partir do momento em que os educandos têm oportunidade de vivenciá-los, tornando-os parte de sua experiência pessoal. Por isso, foi debatida nessa pesquisa a importância da Geografia escolar para a formação crítica dos



cidadãos visto que o ensino dessa disciplina é norteado para formar cidadãos capazes de entender o mundo e para que eles também compreendam que são sujeitos ativos nesse mundo. Nesse caso, é recomendável adotar uma prática de ensino de Geografia que valorize sempre o espaço local dos estudantes.

Nesse estudo de investigação sobre as políticas implantadas a partir da década de 1990 ficou comprovada a universalização do atendimento escolar visto que os últimos dados mostram muitas crianças e jovens matriculados nas escolas públicas em suas faixas etárias correspondentes a cada etapa de ensino. Isso significa afirmar que está diminuindo a distorção idade/série e aumentando o acesso à escola como uma grande conquista social de todas as épocas na história educacional.

Dessa forma, por meio da análise do estudo de campo foi constatado que os professores envolvidos na investigação têm formação adequada para a sua área de atuação e, nesse sentido, ficou comprovado que os problemas que envolvem o universo da pesquisa estão além da formação profissional. Isso porque, através das análises de dados verificou que as grandes dificuldades da instituição da pesquisa estão relacionadas com a desmotivação de aprendizagem dos alunos e uma carência de recursos tecnológicos e material didático para o desenvolvimento das aulas de Geografia. Entretanto, são constatadas várias iniciativas da escola para a motivação do processo da aprendizagem: projetos sócios educativos, os professores adotam algumas ações diárias em sala de aula para incentivar o processo da aprendizagem e todos os alunos investigados consideraram a escola importante e decisiva para o seu futuro.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de. O Estágio supervisionado e a práxis docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). **Estágio curricular: contribuições para o redimensionamento de sua prática**. Natal: Editora UFRN, 2005.

CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). Construir Ecosistemas Educativos: reinventar a escola. In: **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2015.

\_\_\_\_\_. **A formação profissional em Geografia**. Goiânia: 2003. Disponível em: <<http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/Iedipe/sessao-lana.htm>>. Acesso em: 19 de jan, 2017.



DEMO, P. **Saber pensar**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **A prática pedagógica da educação física nos tempos e espaços escolares**. Texto para uso didático. 2001.

MARCOS, V. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim paulista de geografia**. São Paulo: AGB, n. 84, p. 10-136. 2006. Disponível em:  
<<http://www.agbsaopaulo.org.br>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma e pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

NÓVOA, A. **Os desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Publicação do Sindicato dos Professores de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.Sinprosp.org.br/noticias>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

PEQUENO, M. J. S. **Novas tecnologias na educação: o ensino de matemática através de softwares educacionais**. UEPB, Guarabira/PB, 2014. Disponível em:  
<<dspace.bc.uepb.edu.br/.../PDF%20-%20Maria%20José%20da%20Silva%20Peq>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. et al. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques. O currículo das escolas brasileiras na década de 1970: novas perspectivas historiográficas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 22, n. 82, p. 149-170, 2014. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 13 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SOUZA, V. C. A Formação acadêmica do professor de geografia. In: CALLAI, H. C. **Educação Geográfica: reflexão e Prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

SOUZA, C.J. et al. Trabalho de campo, por que fazê-lo? Reflexões à luz de documentos legais e de práticas acadêmicas com as geociências. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 7., Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2008.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

TOMITA, I. M. S. Trabalho de campo como instrumento no ensino em geografia: **Geografia, Londrina**, v. 8, n.1, p. 13-15, 1999.